

## Se entrases para a IBM, vais perceber...

Fernando Alves Martins

Professor ... da Universidade ...

Presidente da Companhia IBM Portuguesa SA., (.....)

Eu fui dos piores alunos que a Faculdade de Ciências teve. No ano de 19???, em que saiu o IBM 40900 eu era presidente da associação de estudantes de ciências e não fazia coisíssima nenhuma a não ser intervenções.

Fui para a tropa em Cascais. Eram 90 cadetes, quase tudo arquitectos e alguns engenheiros. Fui fazer a meteorologia das manobras, que consistia em encher um balão até ter uma determinada elevação. Largava o balão e com um cronómetro dizia ao oficial de serviço a que altura é que estava o tecto das nuvens para se poder programar os tiros.

Entretanto o meu tempo de tropa acabou num fim de tarde. Numa cervejaria, um indivíduo disse-me que a IBM, que eu não conhecia, ia ter vagas. **Eram cerca das 8 da noite quando me disse que ia regressar ao trabalho na IBM. Estranhei a hora mas ele respondeu-me: "se entrases para a IBM vais perceber, porque aquilo é tão entusiasmante que ficas lá horas infindas!"**

Fui então à IBM. Tive uma entrevista com um senhor francês que gostou de mim e fui admitido.

Eu só trabalhava em máquinas de cartões. Passados cinco meses disseram-me que ia frequentar um curso de computadores em Paris. Era um curso avançado de IBM 650, com 60 pessoas, em que eu era o único da IBM Portuguesa. Só havia então um computador maior do que o 650, que era o 704, que estava no Centro Europeu de Cálculo Científico, em Paris.

Quando cheguei a Portugal disseram-me que eu era um génio, pois tinha sido o número um do curso, e que a partir de Janeiro passaria a ser vendedor da IBM.

A dada altura fui com o António Casanova ao laboratório da **Companhia Nacional de Electricidade**, em Sacavém, onde ele ia dar um curso de programação. Mas atrasei-me e assisti apenas às 3 últimas horas do curso. Só no final me apercebi que o curso se referia a Fortran. Os meus conhecimentos de Fortran resumiam-se a esse curto curso.

No ano seguinte o Manuel Alegria vendeu no Porto um computador 650 à Hidroeléctrica do Cávado, o primeiro computador *a sério* que foi encomendado no nosso país. Como eu era a única pessoa com formação nessa máquina mandaram-me para o Porto dar formação durante três meses e meio. Não vou contar muito sobre a programação do 650, porque nem simbólico havia, era tudo feito em linguagem máquina.

Nunca fui especialista em nada. Era um generalista e sabia um bocadinho de tudo. Trabalhei muitos anos na IBM em muitas coisas diferentes. Por volta de 1971, passei pela Reitoria da Faculdade de Ciências, no Campo Grande, onde me disseram que me podia inscrever para terminar o meu curso. Entusiasmei-me com a ideia e inscrevi-me. Já na Faculdade de Ciências, onde nunca me deixaram de tratar por senhor, chamava a atenção dos outros pela diferença de idades que, para algumas pessoas chegava a ser de dezasseis anos, e pelo uso de fato completo.

No primeiro dia de aulas, quando estávamos sentados num anfiteatro perguntei à colega do lado quem era o professor. Ela respondeu que era o sujeito que estava à nossa frente, que tive dificuldade em distinguir. Depois do professor ditar algumas coisas começou toda a gente a levantar-se. Espantado, perguntei onde é que eles iam: “*Vamos embora, o gajo já deu a matéria, o gajo já deu os problemas, agora vamos para casa.*”. Fiquei indignado porque pagava para ter duas horas de aula e não vinte minutos. Dirigi-me ao assistente e expliquei-lhe a minha situação de trabalhador e que para frequentar as aulas tinha de me sacrificar a trabalhar à noite. Por isso, e já que pagava as propinas, exigia as aulas de duas horas. Nunca ninguém lhe tinha posto esse problema, mas a partir daquele dia as aulas passaram a ser de duas horas para quem quisesse.

O António Marques Galopim de Carvalho - o homem dos dinossauros, meu colega de infância, chegou a ser meu professor.

Nesse período trabalhava dezoito horas por dia na IBM, à noite estudava e dormia apenas nalguns intervalos de tempo.

Um outro episódio curioso, passou-se numa aula no Instituto Geofísico onde o professor me chamou para a sala ao lado para me dizer que não queria que os alunos vissem que “um patrão da IBM”, e supostamente um barra na programação, fosse para as suas aulas contradizê-lo, porque saberia mais do que ele. Apesar de ninguém acreditar, na realidade eu não percebia nada de Fortran. A partir tive também de estudar um manual de Fortran para não fazer fraca figura naquelas aulas.

Passei depois para director da IBM e em 1 de Janeiro de 1974 era Administrador Delegado. Como não era cientista, dediquei-me a muitas coisas que me deram grande prazer, por exemplo a fazer o primeiro dicionário em português com 360 000 palavras com a minha equipa, e também traduzimos para português o primeiro Displaywrite que existiu.